



Padrão (*template*) para submissão de trabalhos ao XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação:

Título

Cidade, Comunicação e Cultura: A Diferença Como Questão¹

Fernando Resende

Professor e Pesquisador do Depto de Comunicação Social e do PPGCOM da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

Resumo

Pode o olhar sobre a cidade nos ajudar a refletir sobre a questão da narratividade no que hoje conhecemos como espaço público contemporâneo? Este ensaio, ao pensar a cidade como uma arena multicultural, busca refletir sobre o espaço urbano e a noção de conflito como constitutiva do espaço público, hoje tecido, principalmente, pelas narrativas midiáticas. A diversidade e a complexidade das cenas contemporâneas que a vida urbana nos apresenta parecem contribuir para que a idéia do narrar como ato ajuda a articular a construção das identidades seja também colocado em questão. Nosso propósito é refletir sobre a constante configuração das identidades culturais e a diversidade narrativa enquanto problemáticas contemporâneas que trazem a alteridade como um dos desafios centrais do nosso tempo.

Palavras-chave

Narrativas – identidades – cultura – cidade – alteridade

Corpo do trabalho

A cidade é cidade porque pulsa, não necessariamente porque se faz ordenada, mas porque o caos que a ela pertence, torna-se elemento que contribui para que ela se redesenhe todos os dias. Talvez, um dos nossos grandes desafios na atualidade esteja posto na seguinte questão: de que modo contribuimos para que as cidades em que hoje vivemos, que por determinados aspectos podem ser chamadas pós-modernas, se reconfigurem a partir dos fragmentos e das desordens que nelas se instalam? Trata-se de um desafio porque o que hoje nos é dado a ver torna nossa visão, muitas vezes, opaca e cega. Procuramos muitas vezes, por razões históricas, que são seculares, produzir o limpo, fazendo uma elegia à assepsia; há vários projetos de revitalização das cidades, ainda que veiculadores de outros discursos, que procuram varrer o sujo para debaixo do

¹ Trabalho apresentado ao NP 21 – Comunicação e Culturas Urbanas do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.



tapete. Não é estranha essa idéia de revitalizar aquilo que por princípio já contém vida? Mas, enfim, pelo menos no nosso imaginário, retirado das cidades o que não nos agrada ver, teríamos disponibilizado um espaço menos caótico, menos afeito às violências, por exemplo. É este um discurso bastante vinculado a uma idéia positivista e que tem o projeto da modernidade como seu principal articulador.

No entanto, as cidades que hoje vivemos têm sido muito hábeis em nos mostrar as falhas deste projeto. Somente como exemplo, nas nossas cidades, os viadutos tornam-se casas, as ruas tornam-se meio de subsistência e moradias de sujeitos que, muitas vezes, nelas trabalham e habitam porque ali construíram suas identidades. O sujeito – dizemos de uma perspectiva moderna de quem pensa que o limpo é a ordem e o previsível – é hoje mais que constitutivo das nossas cidades. Michel de Certeau (2000) diz de uma cidade que é visível e de outra que se insinua metaforicamente no texto dessa cidade planejada. A que se insinua, no entender deste autor que indaga acerca do cotidiano, pode muito bem ser tomada como esta que hoje, junto à cidade planejada, se nos apresenta diariamente. Assim, queremos ressaltar, para não correremos o risco do esforço vão de nos mantermos cegos, a idéia de cidade só se faz rica e atual quando ela comporta essas duas perspectivas, dissociá-las é seguir em busca de um ideal de cidade, distante daquela que hoje nos é possível. Nesse sentido, o desafio a que nos referimos diz respeito à disponibilidade que precisamos ter de efetivamente reconhecer as várias cidades que habitam esta que vivemos.

Em seu papel estruturante de tecer as redes de relações sociais, através de suas representações e práticas, os meios de comunicação participam veementemente da criação de modos específicos de sociabilidades contemporâneas, contribuindo, ao mesmo tempo, para que eles sejam legitimados e para a reconfiguração de papéis e pertinências dos vários campos que constituem a sociedade. O momento de advento da televisão é um divisor de águas nesse processo; as imagens que invadem nossas casas, basicamente a partir dos anos 50, nos apresentam o mundo. Tudo nos é dado a ver, e este tudo, cada vez mais, parece representar o todo.

Neste ensaio queremos refletir acerca das realidades e das sociabilidades contemporâneas, tomando a cidade como nossa arena (GOMES, 2004). Propomos, mais ainda, refletir sobre como a mídia enquanto instância responsável pela reinvenção dos imaginários urbanos tem contribuído ou pode vir a contribuir para que novas reconfigurações, ou serão tão-somente outras, sejam por nós, habitantes das cidades do século XXI, apreendidas.

Configurações e sociabilidades contemporâneas

As cidades modernas foram planejadas de modo a comportar categorizações e divisões que, de maneira mais ampla, correspondiam à idéia de um mundo que se pensava possível construir em nome da ordem e do progresso². Nesse sentido, os espaços públicos – em sua dimensão física – deveriam corresponder a essa normativa e o traçado urbano, em princípio, desenharia a cidade que se desejava. Habitamos ainda várias dessas cidades cujo traçado primeiro almejava o ideal de uma cidade moderna e, nelas, a idéia de um espaço dividido entre centro e periferia ou entre o que é nobre e o que é popular, por exemplo, é contundente e absolutamente definidora das setorizações a que seus desenhos estão sujeitos. O espaço público, desse modo, era pré-fixado, sua realidade se configuraria somente a partir do uso que se faria dessas cidades.

Michel de Certeau (2000) nos traz uma belíssima imagem que permite ampliar nossa visão acerca da cidade e suas complexidades. O autor nos faz entender que ao vermos uma cidade de cima, descobrimos que toda cidade só se desenha à medida que o caminhante nela traça o seu caminho. Esta é uma imagem que nos parece rica porque diz do quanto todo e qualquer projeto de traçado urbano pré-determinado pela ordem racional dos fatos se esquece que, efetivamente, uma cidade só se concretiza no instante em que aqueles que nela vivem a fazem existir. Nesse sentido, há uma dimensão simbólica na noção de espaço público que precisa ser tomada como tão fundamental quanto aquela que nos parece mais objetiva. Em outras palavras, não há praça como espaço público real se nela não se tecem relações sociais, se nela não se realiza a possibilidade do encontro.

A chegada dos meios eletrônicos, de certa forma, problematiza essa questão porque reconfigura a noção que se tem de espaço público, o que, certamente, pode ajudar a redesenhar as cidades. Reconfigura porque passamos a nos relacionar mediados por máquinas que não só nos transportam de um lugar a outro – a internet é exemplar – mas que também constroem em nós a ilusão do próximo, a ilusão do encontro, papel antes circunscrito na dimensão da praça. O que é espaço público, nesse aspecto, passa a ser da ordem do mediado, do que é construído pela mídia. Os traçados físicos, quando não vislumbram essa dimensão do simbólico, certamente perdem terreno para as

² Adriano Duarte Rodrigues, em “A constituição do espaço público moderno”, cita o exemplo do Barão de Haussmann que no século XIX propõe, do ponto de vista do traçado urbano, romper com “a polifuncionalidade que impedia a especialização racional dos espaços, o que viria a dar lugar aos projectos de desconcentração e segmentação do tecido social”. RODRIGUES, 1990, P.34.



máquinas mediadoras – é mais seguro, em vários aspectos, ficarmos em casa assistindo à televisão ou deixarmos nossos filhos nos *shoppings*, muitas vezes o máximo do que hoje podemos conceber como público.

Porém, vale dizer, se estivermos atentos e soubermos tirar proveito do que nos traz essa nova reconfiguração da noção de espaço público, talvez possamos pensar e entender a mídia como elemento que contribui para que as cidades se redesenhem. De certo modo já é o que acontece quando movimentos antes particulares da zona norte – para falarmos nas divisões que marcam mais insistentemente a cidade do Rio de Janeiro – passam a coexistir com outros tipos de manifestação em espaços físicos definidores do que conhecemos como zona sul e vice-versa. Não estamos dizendo que a coexistência implique em harmonia, mas somente ressaltando o fato de que ir a um baile funk na zona sul (sendo você habitante da periferia) ou ir a um samba no morro (sendo você habitante do asfalto) é absolutamente provável, ainda que o sul e o norte sejam geografias separadas. Ademais, não é irrelevante lembrar que tanto o samba como o funk nos chegam hoje, muito, pela mídia. E desse modo, havemos de nos perguntar: seriam estes aspectos que nos obrigariam a repensar as cidades ou já estariam elas próprias, no caminhar dos seus habitantes, se repensando na medida em que existem?

Espaço urbano e espaço público contemporâneo

Bernard Miège (1999), ao discorrer sobre as questões que dizem respeito à configuração do espaço público contemporâneo e a mídia, diz do conflito como norma que vigora a partir do instante em que os meios de comunicação passam a ter um papel preponderante na constituição desse espaço. Segundo o autor, devido à assimetria (nem todos têm acesso a todos os recursos tecnológicos) e à fragmentação que todos experimentamos na contemporaneidade (vários são os relatos que hoje nos chegam), a única possibilidade de se pensar em articular os modos de estar no mundo é pela via do conflito. É o embate, podemos assim dizer, que não só tende a homogeneizar as diferenças, através da força econômica, mas que também as ressalta, pela força da cultura.

Este aspecto parece-nos relevante, se considerarmos que no embate que se trava no espaço urbano contemporâneo as mesmas questões se fazem presentes. O conflito é a norma quando aquele que vive em um condomínio de luxo passa todos os dias por um viaduto-casa, espaço habitado por uma família inteira que divide, com aquele outro, as mesmas cenas urbanas. A própria assimetria – os mesmos recursos não são dados a



todos – e a fragmentação – nós nos constituímos todos de pedaços de cenas que, apesar de complementares, na grande maioria das vezes, se apresentam contraditórias – fazem parte do nosso dia-a-dia, construindo, para o bem e para o mal, os nossos imaginários. Desse modo, acompanhando os passos de Appadurai (1996), que pensa cultura como a luta contra a uniformidade, ressaltamos que o espaço urbano, configurado no que hoje conhecemos como cidade, é antes de tudo uma arena cultural (GOMES, 2004). Um espaço que se redesenha e se reconfigura, constantemente, na medida em que as assimetrias e as fragmentações se revelam.

Este olhar lançado ao espaço urbano e ao espaço público contemporâneo, que considera os sujeitos e a mídia como atores fundamentais na constante e inócua elucidação do conflito, faz ressaltar aquilo que hoje marca a singularidade das sociabilidades contemporâneas. Uma questão particularmente significativa, uma vez que outros modos de tecer as relações sociais na atualidade têm contribuído, fundamentalmente, para re-situar o homem no mundo. A idéia de que hoje as fronteiras estejam alargadas e redefinidas mais em termos culturais do que necessariamente geográficos é interessante quando associada à idéia de que são os novos espaços eletrônicos que têm contribuído imensamente para o transbordamento a que nos referimos. As noções de tempo e espaço nos são rerepresentadas de modo tão instigante que, obviamente, afeta nosso modo de experimentar o mundo.

Para Renato Ortiz, por exemplo, “as tecnologias comunicacionais mudam nossa concepção de proximidade e distância, de familiaridade e estranhamento” (2002:125). Além disso, as relações promíscuas que passamos a conhecer entre os fluxos locais e os globais também nos chegam de modo a nos deslocar do próprio lugar. Falamos de uma das características dos processos globalizatórios, que se faz distante da perspectiva econômica que os quer pensar, tão-somente, a partir de suas lógicas unificantes. Em outras palavras, queremos ressaltar que a globalização, para além das aparentes igualdades que produz, torna possível o cruzamento de experiências e, portanto, o conhecimento do outro, ainda que este, muitas vezes, chegue até nós através dos relatos estereotipados produzidos pela larga maioria das grandes mídias.

Sob essa perspectiva, se uma conseqüência natural notável da globalização é “alargar e amplificar indefinidamente o quadro da experiência e do sentido das actividades e dos particularismos culturais” (RODRIGUES, 2000:11), parece fundamental, na atualidade, pensar no que este imbricamento de redes de experiências traz do ponto de vista da renovação e da compreensão do sujeito que experimenta o



cotidiano. Não se trata de considerar que o sobressaltar das diferenças seja um aspecto que somente produza benefícios – o aumento das guerras étnicas nos provaria o contrário – mas salientar, por exemplo, o fato de que conhecer o Iraque através dos relatos de guerra nesses últimos 2 anos é uma atividade muito mais rica de sentido do que o foi, nos anos 60, conhecer o Vietnã. Estes são dados que nos parecem interessantes e que podem nos conduzir a provocações muito significativas. Sob essa perspectiva, certamente, a paisagem que se desenha aos olhos do homem contemporâneo, por ser dotada de uma diversidade cenográfica, é muito rica. Porém, parece-nos que nos cabe pensar, e muito, sobre os modos que utilizamos para descrever essa paisagem. Sendo assim, a mídia, indubitavelmente, é o nosso foco central.

A experiência contemporânea: o que os olhos vê, o corpo sente

Nos últimos 50 anos, parte significativa dos estudos da mídia – pelo menos os que se tornaram mais predominantes – debruçou-se sobre questões que se referem à problemática do conteúdo e dos aspectos ideológicos concernentes às mensagens. Há razões históricas, bastante precisas, que justificam o olhar que se voltou aos efeitos e às críticas com relação ao processo de banalização das mensagens (RESENDE, 2002). São estudos de extrema importância, vale dizer, que foram cruciais para o conhecimento que hoje se tem acerca deste campo. No entanto, queremos ressaltar, são olhares que, marcados por uma conjuntura histórica, ou desconheciam os aspectos mais recentemente trazidos pelo avanço das mídias eletrônicas ou nem mesmo as tinham como questão, já que são elas relativamente recentes na história da comunicação social.

Os processos globalizatórios, como abordamos, ao romper com a relação que previamente existia entre cultura e espaço físico (ORTIZ, 2002), expandem as experiências culturais, tornando-as hoje fundamental nos estudos da mídia. Nesse sentido, não só os conteúdos são aspectos relevantes, mas as mediações que permeiam as mídias e suas práticas tornam-se vitais para a compreensão não tão-somente dos meios, como sempre o foi, mas dos usos que deles fazemos e das maneiras que neles somos representados (MARTÍN-BARBERO, 1997). A compreensão de uma noção de cultura ressignificada, nesse aspecto, passa a ser crucial.

Para Rodrigues (2000), a invenção das máquinas provocou etapas distintas de desterritorialização da experiência. De um processo, em princípio, revestido de uma característica eminentemente técnica – as máquinas nos chegam e as tomamos como se fossem instrumentos-fim -, partimos para um outro tipo que, para o autor, significa a



própria desterritorialização da experiência cultural – as máquinas passam a se fazer presentes como instrumentos-meio. Para este autor, a relação alterada da experiência humana com as noções de espaço e tempo – mudanças particularmente advindas da entrada dos meios eletrônicos nas nossas vidas – é determinante na passagem de uma experiência de dimensão técnica para a que nos referimos como cultural. Parece-nos importante ressaltar, aqui não tratamos de avaliar o uso que se faz das máquinas, mas os tipos de experiência que elas nos possibilitam, visto que o uso que delas fazemos, muitas vezes, não condiz com a complexidade de sentidos que sua existência nos provoca.

Esses dados nos parecem particularmente relevantes considerando que esse processo diz de uma alteração no modo que o homem encontra para expandir seu processo de conhecimento a respeito do mundo e de si mesmo. Em outras palavras, é extremamente significativo entender que nossa experiência contemporânea é, efetivamente, mediada pelas máquinas e que, além disso, ela tem a cultura como seu fio condutor. Pois, desse modo, evocam-se novas maneiras de estar no mundo, já que mudanças no mundo da vida são produzidas. Ou seja, instâncias que fazem parte da nossa própria matéria como o trabalho, as roupas, a comida, o lazer, a sexualidade, além de várias outras que constituem e desenham o nosso cotidiano, incluindo os nossos modos de apropriação do que nesse contexto passa a ser o espaço urbano, são reconfiguradas. Vivemos hoje uma simultaneidade de experiências culturais, não só em termos sintáticos como também semânticos; fator que complexifica a constituição de nossas relações sociais, não só porque elas se fazem mediatizadas, mas também porque as diferenças se apresentam e são representadas em concomitância.

Dessa forma, vale ressaltar, o conflito a que nos aludimos se corporifica na luta que travamos para que possamos nos fazer presentes. A dimensão cultural da experiência, enraizada no contato com o outro – ainda que este contato, na maioria das vezes, se dê de forma precária –, se torna corpórea, seja porque passamos a ter a nítida certeza de que as 24 horas que o dia nos reserva são insuficientes para todos os nossos afazeres ou porque nos vemos incapazes de assimilar tanta informação e, ao mesmo tempo, ter a real dimensão e compreensão dos fatos e acontecimentos que nos rodeiam. Mais ainda, ela se torna corpórea porque passamos a acreditar que só nos tornamos vivos quando nos fazemos visíveis, pois se tudo nos é dado a ver, parece lógico que nós também sejamos incluídos nesse universo. Passamos, conforme diz Martín-Barbero (2003), da necessidade de sermos representados para o desejo de sermos reconhecidos.



Não só a expansão e o sucesso dos *reality shows* são exemplares, nesse aspecto, como também o é a necessidade que temos de que, através do texto midiático, o outro nos veja e nos reconheça, a fim de que nós mesmos possamos nos reconhecer. Assim, se nos é possível aludir à idéia dos olhos como a janela da alma, não seria de todo improcedente, na situação que ora experimentamos, pensarmos a televisão como a janela do corpo.

Narrativa e identidade

O estudo do campo dos media, quando voltado para as dimensões das práticas e das representações sociais, faz ressaltar o fato de que, na perspectiva das demandas que se instalam na atualidade, a mídia tem como uma de suas responsabilidades fundamentais narrar experiências e modos de vida. E é desse modo que, para o bem e para o mal, os meios interferem no *status quo*, ora sustentando-o ora recriando outros modos de viver o mundo. Assim, as narrativas produzidas pela mídia, incorporadas nos modos de tecer o nosso cotidiano, são representações coletivas de extrema significância, porque através delas conhecemos e tornamos conhecidas as várias experiências culturais a que hoje estamos todos sujeitos (RESENDE, 2003). Além disso, através das narrativas nós nos fazemos conhecer, pois são elas que nos fazem existir perante o outro. Dessa forma, se o corpo é o que demanda a existência dos meios como janelas, são as subjetividades, que nas paisagens se inscrevem, os principais elementos a constituir as cenas que narramos.

Vale ressaltar, é o próprio avanço tecnológico que compactua com essa demanda, propiciando recursos para que os narrares existam e coexistam em situação de conflito. Para Michel de Certeau, que propõe a compreensão do ato de caminhar pelas cidades como espaço de enunciação, “Caminhar é ter falta de lugar. É o processo indefinido de estar ausente e à procura de um próprio” (2000:183). Nesse sentido, podemos também pensar que o ato de caminhar – ou mesmo o ato de narrar – é também a tentativa de construir um lugar. E sob essa perspectiva, são as identidades que estão em conflito quando, através da mídia, os sujeitos da contemporaneidade se manifestam. Este aspecto, detectado no bojo dos processos globalizatórios, justifica-se, já que é a própria noção de mundialização da cultura que distingue, em primeiro plano, a discussão das identidades (ORTIZ, 2002).

Trata-se de pensar o momento que estamos vivendo como época de afirmação de identidades culturais diferenciadas; é fundamental, entretanto, que não esqueçamos que se trata de um arranjo que se trava no conflito, o que inviabiliza que se apreenda o



fenômeno como sendo de ordem harmônica. A questão que nos é imposta, nesse sentido, é compreender as diferenças nas suas especificidades, tarefa um tanto quanto árdua já que implica sempre olhar para o outro de modo a vê-lo, de fato, como outro, sem que nele projetemos o que a nós, tão-somente, possa parecer legível.

A questão da alteridade, assim, é o cerne do nosso desafio: Como deixar que o caminho do outro se faça, em paralelo ou tangencial ao meu, sem que eu, com a força de quem se vê dominante, o suprima? Como deixar que as cidades se construam, na perspectiva de uma ordem histórica e pré-fixada que define o limpo como desejável e o sujo como algo a ser extinto? Como permitir que o outro narre a si mesmo e as suas experiências, enquanto constrói sua identidade (RICOUER apud MARTÍN-BARBERO, 2003), na medida em que se pensa a comunicação social e os meios como meros instrumentos de transmissão de informação?

Identidades culturais: multiculturalismo e diversidade narrativa

A concepção de cidade como arena multicultural (GOMES, 2004) associada à compreensão de uma eclosão e de uma diversidade de narrativas (RESENDE, 2002) são no mínimo contundentes em nos fazer ver que, já, na superfície do texto oficial há outros em processo. Como constata Certeau, “...no discurso, a cidade serve de baliza ou marco totalizador (...). [Mas] a vida urbana deixa sempre mais remontar àquilo que o projeto urbanístico dela excluí” (2000:174). Dessa forma, a questão que nos é imposta, de modo muito mais amplo, diz respeito aos modos em que vemos a cidade e aos modos em que narramos o mundo.

“A coexistência de múltiplas culturas urbanas no espaço que todavia chamamos urbano” (GOMES, 2004:09) traz à tona uma diversidade de experiências de ordem prática, que figuram no cotidiano da cidade, palco que cede seu espaço para a construção das cenas e a realização dos espetáculos: *shoppings* populares que surgem nos centros das cidades, frequentados por grande contingente de compradores vindos das regiões nobres, feitos para acolher os camelôs que “sujam” as calçadas por onde caminham inúmeros trabalhadores que cruzam a cidade todos os dias e que se deparam e se assustam, quase sempre, com um ou outro trabalhador-ambulante fugindo da polícia; outros *shopping centers*, estes “oficiais” porque instalados em regiões nobres, povoados por meninos-pedintes e meninos-trabalhadores que lavam e cuidam dos carros importados cujos motoristas, assustados, trafegam com as janelas fechadas a fim de evitar o assédio ou o assalto; adolescentes, todos vestidos de preto, cabelos longos e

piercings no corpo, que se aglomeram em praças, com poucas árvores e poucos bancos, e que também causam perplexidade nos passantes que não entendem como podem aqueles adolescentes se comportar e se vestir daquela maneira; outros adolescentes se alimentando, não do pão nosso, mas da cola deles de todos os dias e que também tornam perplexos outros que a eles se equiparam em termos de idade, mas que pouco entendem das reviravoltas da vida. São cenas, e há ainda outras infinitas, que ao recriar o urbano, redesenham traçados e reconfiguram identidades e modos de vida.

Além dessas experiências, que redimensionam o espaço, há as que cuidam de ressignificar o tempo. Com o auxílio das máquinas, por exemplo, as noções de passado, presente e futuro tornam-se voláteis quando redesenhamos formas de estar, simultaneamente, em vários lugares; nas telas que hoje representam o mundo tudo cabe, o limite é o nosso desejo de ir e vir, desejo que se realiza com o simples ‘clique’ dos *mouses*. Mais ainda, tempo e espaço redimensionados, por exemplo, faz com que os aviões jogados contra as torres gêmeas nos afetem a todos, certamente porque a imagem nos chega tão instantaneamente, fazendo com que lá, agora, pareça aqui. A *Folha de São Paulo*, em janeiro de 2004, conta que o relato sobre o tsunami na Tailândia assusta a um morador do Maranhão, seus vizinhos haviam viajado para lá. Mas o que ele não sabia é que lá, a Tailândia, era aqui, uma pequena cidade no interior do estado. Ademais, quantas cidades hoje conhecemos sem que nunca as tenhamos visitado? Bagdá, por exemplo, chega todos os dias às nossas casas, através de relatos que a reveste de outros sentidos, para além daquele que no nosso imaginário comportava a existência de um Ali Babá e seus 40 ladrões. Assim, ao ressignificar tempos e imaginários, acessamos a cultura do outro e discutimos as identidades, fazendo da nossa cidade, as cidades do mundo.

A pluralidade cultural e as subjetividades diversas, exigindo seu reconhecimento (GOMES, 2004), transbordam nas cidades contemporâneas principalmente porque a ordem que nelas se instala é comunicacional. A mídia, de modo geral, contribui para a construção do imaginário urbano; as cidades também se constituem e se constroem com a ajuda dos meios; eles se somam aos passos do caminhante que redesenha as cidades, alterando seus caminhos e reconfigurando suas lógicas. O paroxismo narrativo, fala-se de tudo e de todos ao mesmo tempo, é dado fundamental nesse processo. Sendo a mídia o ator principal no que se refere à reconfiguração do espaço público, são suas narrativas, constituídas de suas lógicas subjetivas, os fios que tecem os modos de reapropriação do espaço urbano.



O que nos parece relevante considerar, nesse contexto, é que a mesma pluralidade e diversidade expressa no urbano se apresenta no campo das narrativas midiáticas. Não somente em termos de suporte – quer sejam *blogs* ou *fotoblogs*, noticiosos ou pessoais, além de outros vários que hoje comportam os narradores do mundo – mas também no que se refere às formas de narrar o cotidiano. Experimentamos, em quantidades muito significativas, uma diversidade de narrativas, que hoje se faz possível devido, também, ao avanço dos meios. São formas diversas de dizer de um mesmo lugar apontando para a possibilidade de que os sentidos se diversifiquem. Por exemplo, o relato de um jovem iraquiano sobre a vida vivida na guerra, reatualizado diariamente em seu *blog* pessoal, convive com um relato jornalístico cuja narrativa prima pelo respeito às histórias particulares³, no mesmo instante em que notícias fabricadas pelo governo norte-americano coexistem com as imagens sobre a guerra veiculadas pela Al Jazeera, uma rede árabe de TV.

Para Renato Cordeiro Gomes, no contexto a que nos referimos, “assiste-se ao surgimento de novos (ou outros, imprevisíveis) lugares de enunciação, possibilitando o jogo agônico dos discursos e contradiscursos” (2004:02). Uma observação relevante que nos faz retomar nossa questão primeira, agora redimensionada: de que modo podemos contribuir para que o olhar lançado à cidade se faça mais próximo, na medida do possível, das complexidades e particularidades que hoje que lhes são constitutivas? A cidade é o teatro de uma guerra de relatos, nos diz Certeau (2000). E nesse sentido, estar minimamente disponível para o exercício de aprender a ler todas as cenas é fundamental.

Os discursos hegemônicos, e, portanto oficiais, têm tentado nos fazer crer que basta sabermos separar o joio do trigo para que o mundo se acerte. Há várias fórmulas e vários manuais, travestidos de preconceitos e de ordens de desrespeito às diferenças ou, ainda, de conceitos arraigados, que tentam se manter a qualquer custo, que nos prometem o paraíso. A vida que pulsa, mais sábia que os discursos que a pensam estática, com suas práticas plurais e diferenciadas, tem nos feito ver que ou bem entendemos o sujo como o que lhe é constitutivo – e então passamos efetivamente a buscar modos que possibilitem melhores convivências – ou passemos a construir mais muros – para figurar entre os vários que aí já estão – a fim de nos mantermos no estado

³ Refiro-me a “O diário de Bagdá”, coluna publicada diariamente na *Folha de São Paulo* no início da invasão sofrida pelo Iraque, do jornalista Sérgio D’Ávila. O trabalho tornou-se livro, *Diário de Bagdá – A guerra do Iraque segundo os bombardeados*, publicado pela Editora DBA, São Paulo, 2003.



ilusório do paraíso, enquanto discursamos a respeito das catástrofes e nos fazemos plenos de medos e angústias.

Não há fórmulas, a questão apresenta inúmeras variáveis e requer, antes de tudo, vários exercícios de experimentação. Sabemos que, muitas vezes, o que nos é dado a ver, através da mídia, oblitera nosso olhar, obrigando-nos a uma visão monocromada, extinta de qualquer índice de complexidade. Quando somos nós a produzir essas mensagens, narramos mal o mundo e provocamos leituras precárias acerca da cidade. Do mesmo modo, se as cidades não contemplam espaços para que o urbano se manifeste, nas suas objetividades e subjetividades, devolvemos à mídia olhares vesgos, unidirecionados, pouco atento ao conflito e às diferenças que permeiam o mundo da vida. A fala de Michel de Certeau é contundente e por isso a apresentamos na íntegra:

Ao invés de permanecer no terreno de um discurso que mantém o seu privilégio invertendo o seu conteúdo (que fala de catástrofe e não mais de progresso), pode-se enveredar por outro caminho: analisar as práticas microbianas, singulares e plurais, que um sistema urbanístico deveria administrar ou suprimir e que sobrevivem a seu perecimento; seguir o pulular desses procedimentos que, muito longe de ser controlados ou eliminados pela administração panóptica, se reforçaram em uma proliferação ilegítimada, desenvolvidos e insinuados nas redes da vigilância, combinados segundo táticas ilegíveis, mas estáveis a tal ponto que constituem regulações cotidianas e criatividades sub-reptícias que se ocultam somente graças aos dispositivos e aos discursos, hoje atravancados, da organização observadora. (2000:174)

As práticas singulares e plurais, reveladas pelo multiculturalismo e pela diversidade narrativa, tanto na cidade como na mídia, só se mantêm ocultas pelo discurso cego. Contudo, se o desafio é ler e se dispor a experimentar o conflito, não poderíamos deixar de ressaltar que ele se faz ainda maior quando notamos que a imagem da diversidade de vozes e do multiculturalismo é insuficiente, pois “as interações entre as diversidades não são arbitrárias, elas se organizam de acordo com as relações de força manifestas nas situações históricas” (ORTIZ, 2002:128). Ou seja, o conflito, regido pela assimetria e pela fragmentação, implica a existência de relações de força, o que significa saber que, na grande maioria das vezes, vence o mais forte.

Nesse sentido, não basta se posicionar no lugar de poder e acreditar, por exemplo, no campo da mídia, que o que há a ser feito é, tão-somente, dar voz ao outro. Do mesmo modo, na cidade, ceder espaço para que o outro caminhe, é puro exercício autoritário. Ambos os gestos não se configuram como sabedores da existência do outro como diferente. As identidades culturais, na paisagem contemporânea, só podem efetivamente coexistir se aquilo que constitui a diferença do outro for visto como elemento enriquecedor potencial da nossa cultura, e vice-versa (MARTÍN-BARBERO,



2003:60). Trata-se, portanto, de uma tarefa que exige tanto uma reforma de pensamento como uma atenção voltada, constantemente, às diferenças que se procedem no cotidiano, ao mesmo tempo em que exige um processo de articulação de estratégias de ação, prontas a serem sempre repensadas, com o maior número possível de atores sociais culturalmente diferenciados.

Tanto para a mídia como para a cidade, parafraseando Martín-Barbero (2003), é preciso estar atento para o fato de que a cultura se reconfigura com os movimentos, tanto das narrativas como da cidade, e é preciso ainda prestar atenção na natureza comunicativa da cultura. Em *O ofício do cartógrafo*, o autor diz: “(...) a figura da cidade tem menos a ver com a regularidade dos modelos do edificar que com o mosaico artesanal do habitar. (...) a geografia das identidades remete tanto às figuras que demarcam as ruas e praças como às *fissuras* da desordem das experiências e dos relatos” (MARTÍN-BARBERO, 2004:277).

A cidade e a mídia, nas suas complexidades, estão exatamente a nos apontar as incongruências de um processo de tecnologização absoluta, explicitado pelo moderno; as diferenças econômicas, sociais, culturais, sexuais, e de várias ordens, nos saltam aos olhos. Não há sentido renovado possível para se estar junto no mundo de hoje se não pudermos nele inserir as diferenças. É um desafio imposto a todos nós que entramos no século XXI.

Referências bibliográficas

- APPADURAI, Arjun. *Modernity at large – cultural dimensions of globalization*. Minneapolis: Univ. Of Minnesota Press, 1996
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- GOMES, Renato Cordeiro. “A cidade como arena da multiculturalidade”. Rio de Janeiro, 2004. E-compós (www.compos.org.br)
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. “Globalização comunicacional e transformação cultural”. In: MORAES, Denis de. (org.). *Por uma outra comunicação – mídia, mundialização, cultura e poder*. Rio de Janeiro: Record, 2003, p.57-86.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Ofício de Cartógrafo*. São Paulo: Loyola, 2004.
- MIÈGE, Bernard. “O espaço público perpetuado, ampliado e fragmentado. *Novos olhares*: revista de estudos sobre práticas de recepção a produtos mediáticos. São Paulo: ECA/USP. Ano 2, nº3, p.4-11, 1999/1.
- ORTIZ, Renato. “Globalização, modernidade e cultura”. *Revista Semear*, nº6. Rio de Janeiro: Instituto Camões / PUC-Rio, 2002, p.119-130.
- RESENDE, Fernando. “Ausências na comunicação social e no jornalismo – a lógica da rua”. Coimbra: Centro de Estudos Sociais / Universidade de Coimbra, Oficina 197, novembro/2003.
- RESENDE, Fernando. “O olhar às avessas - a lógica do texto jornalístico”. São Paulo: ECA/USP, 2002. (tese de doutoramento)



RODRIGUES, Adriano Duarte. *Estratégias da comunicação*. Lisboa: Presença, 1990.
RODRIGUES, Adriano Duarte. “Para uma genealogia do discurso da globalização da experiência”. *BOCC* – Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, Lisboa, 2000.